



Elevador

Eduardo Moura



Raul Oliveira

Fixe este nome: IPBrick. É software de telecomunicação. Não é uma ideia original mas é um produto originalmente português. É uma solução que poupa dinheiro e que faz coisas inteligentes, como marcar um endereço de email em vez de um número de telefone. É uma história de um professor que virou inventor e depois empresário. É um caso de sucesso.



Fernando Pinto

A escalada dos preços dos combustíveis agarrou-se à TAP como um estigma. Tendo previsto lucro de 14 milhões para 2005, Fernando Pinto irá apresentar cerca de 10 milhões de prejuízo. Segundo o gestor, mesmo assim a TAP conseguiu absorver parte do desvio de 83 milhões nos custos estimados em combustível. Erro de estimativas ou estimativas difíceis? De todas as formas, é incumprimento da missão da gestão.

Agenda do Investidor

Preço-Alvo

Portugal Telecom

7,20 €

Entidades: Lehman Brothers
Analista: Equipa de "research"
Índice: PSI-20
Mercado: Portugal
Sector: Telecomunicações
Última cotação: 10,01 €

"Underweight". A Lehman Brothers reduziu o preço-alvo para as acções da Portugal Telecom, de 7,5 euros para 7,20 euros, na sequência da proposta da Comissão Europeia para a redução das tarifas de "roaming" internacionais. A casa de investimento reduziu os preços-alvos para a maioria das "telecom" europeias, como a Telecom Itália, a Telefónica e a France Telecom "para reflectir a proposta da União Europeia para as tarifas de 'roaming' internacionais".

Energias de Portugal

2,85 €

Entidades: BPI
Analista: Equipa de "research"
Índice: PSI-20
Mercado: Portugal
Sector: Eléctrico
Última cotação: 3,24 €

Manter. O BPI afirma que as mudanças aprovadas na assembleia geral de accionistas da EDP têm um impacto de "neutral a positivo" para os títulos da empresa, uma vez que já eram esperadas e pelo facto de a Iberdrola já ter afirmado anteriormente "que quer estar representada no Conselho Superior" da EDP. Os analistas do BPI consideram que a hipótese desta entrada, combinada com o objectivo de reforço de participação, deverá proporcionar um "suporte para 'performance' das acções da EDP".

Teixeira Duarte

Sob revisão

Entidades: BPI
Analista: Bruno Almeida da Silva
Índice: PSI Geral
Mercado: Portugal
Sector: Construção
Última cotação: 1,67 €

Sob revisão. O BPI colocou os títulos da Teixeira Duarte "sob revisão", depois de a empresa ter anunciado que os seus lucros de 2005 aumentaram 77% para os 108 milhões de euros, com a construtora a beneficiar dos ganhos de 76 milhões de euros relativos às suas participações no BCP, na Cimpor e na Soares da Costa e das operações internacionais que, segundo o analista, estão agora "claramente a gerar um bom retorno". O banco de investimento considera contudo que a dívida da empresa continua a ser "uma preocupação".

Sonaecom

5,60 €

Entidades: BPI
Analista: Equipa de "research"
Índice: PSI-20
Mercado: Portugal
Sector: Telecomunicações
Última cotação: 4,21 €

Comprar. O BPI reviu em alta o preço-alvo para as acções da Sonaecom para 5,60 euros para o final do ano, mantendo a recomendação de "comprar". Este novo "target" incorpora uma subida potencial superior a 37%. O novo preço-alvo estabelecido para a Sonaecom pela casa de investimento, de 5,60 euros, compara com os anteriores 5,50 euros. Este novo valor pressupõe um potencial de valorização de 37,59% das acções da Sonaecom, considerando o preço de fecho das acções na sessão de quinta-feira (4,07 euros).

Factos Relevantes

31/03/2006

► Finibanco - Holding, SGPS S.A. informa sobre pagamento de dividendos relativos ao exercício de 2005

► Sociedade Comercial Orey Antunes, SA informa sobre deliberações tomadas na assembleia geral de 16 de Março de 2006

► Oferta Pública de Aquisição sobre a totalidade das acções e obrigações convertíveis emitidas pela Portugal Telecom, SGPS



► BCP MANTÉM OFERTA DE 5,7 EUROS NA OPA AO BPI

O Banco Comercial Português publicou na sexta-feira o registo da oferta pública de aquisição sobre o Banco BPI, onde mantém a contrapartida de 5,70 euros por cada acção, mas abre as portas, depois da OPA, de criar condições para a entrada dos accionistas do BPI no seu capital.



Editorial

Sérgio Figueiredo | Director

Parece mentira...

Há um país que, em matéria de contas públicas, se apresenta com duas maleitas crónicas: o défice e a mentira. Somos nós. Devemos e mentimos. Ou, melhor, todos os Governos deixam a República mais endividada, mas só um é mentiroso: o anterior. Os aldrabões estão sempre no Governo anterior.

Ao longo dos anos mais recentes, o cidadão até foi despertando para a crise orçamental. E para a inevitabilidade de alguém ter de lhe colocar um fim. Surgiram os sacrifícios. E uma certa dose de tolerância popular.

A troca de números e o jogo do "empurra" produziu um efeito perverso: não resolveu a crise e, o que é mais grave, descredibilizou as formas de a atacar.

O cidadão estava farto da conversa do défice e até agradece que ninguém toque do assunto. Está a pagar impostos a uma escala que nunca pagou. Uma ingloria procura pela tal "vida além do défice" que, um dia, o doutor Sampaio lhes anunciou.

Também este Governo deliberadamente retirou as finanças públicas do debate nacional.

E, particularmente este ministro das Finanças, depois de um Orçamento tão elogiado, recusa associar à crise orçamental as medidas profiláticas que vai introduzindo na administração pública.

Foi assim no Simplex. Foi assim no PRACE. Tem sido assim em quase tudo. Desaparecem papéis e organismos, mas não há um único exercício de quantificação. Quanto se poupa? Quantas pessoas vão ficar sem trabalho? E quantos transferidos? Nada. Nada consta.

Portugal não inventou a guerra à burocracia. Mas este Governo acredita que está a declarar a única guerra que não irá fazer cair uma única vítima. Parece mentira... ou é uma guerra a fingir.

Mesmo sem querer, Teixeira dos Santos tropeça semestralmente no défice. A cada reporte dos excessos a Bruxelas, vê-se obrigado a actualizar o número. Agora, sem mentiras. O país ganhou transparência. Perdeu em realismo.

Sexta-feira foi anunciado um dos maiores défices da democracia. Seis por cento do PIB. Uma vitória! O ministro estava triunfante, porque cumprira o objectivo. Chega a ser patético, um país celebrar uma desgraça daquele tamanho.

Ninguém pede que um ministro se demita quando a despesa pública derrapa mil e quinhentos milhões de euros — mesmo que a derrapagem seja sua e aconteça em meses. Nem sequer um pedido de desculpas. Bastava inconformismo.

Mas não. Vejam bem, é um descontrolo do seu tempo. Não de outro Governo. Nem sequer do outro ministro deste mesmo Governo. E a mensagem quem passa é absolutamente inaceitável: "estamos satisfeitos".

Nós não. A crise orçamental é a mesma de sempre e ainda lá está. Tem raízes conhecidas e o ministro conhece pelo menos uma, pois avisou que está a acabar o dinheiro para os reformados.

Não se espera ver um ministro das Finanças anunciar na quarta-feira a extinção de 187 organismos públicos e, na sexta, fingir que está a controlar a despesa. Não está. E não é coerente.

Se corta estruturas, tem de saber quantas pessoas lá trabalham — e não sabe. E tem de deslocá-las para serviços onde falta de pessoal — que ele não sabe quais são. Os que sobram, tem de colocá-los num quadro de excedentes — que o seu secretário de Estado diz agora não ser prioritário.

Oito anos, seis ministros e quatro secretários de Estado depois, o país ainda não sabe quantos funcionários públicos existem. Haverá reformas e finanças que resistam a isto. Parece mentira... afinal é só impunidade.